

As imagens da cidade de Ilhéus nos romances amadianos

Juliana Santos Menezes¹

Resumo: Este trabalho analisa as imagens da cidade de Ilhéus nos romances amadianos *Terras do Sem Fim*, *São Jorge dos Ilhéus* e *Gabriela Cravo e Canela*. Intenta investigar o universo ilheense apresentado por Jorge Amado, na tentativa de compreender a sociologia local e valorizar a cultura do lugar, por meio da explicação dos epítetos que a cidade recebeu em decorrência da literatura amadiana: *Terra de Jorge Amado*, *Terra da Gabriela* e *Terra dos Coronéis do Cacaú*. Parte do pressuposto de que a literatura influencia e é influenciada pela história (SIMÕES, 1998) e se constitui como uma realidade imaginada capturada do vivido e constituída em sentido (ISER, 1996). O estudo conclui que, como elemento que é influenciado pela história, a literatura amadiana expressa a cultura ilheense, que pode ser conhecida e valorizada através da leitura do texto.

Palavras-chave: Sociologia local. Sensualidade feminina. Relação de poder e mando.

Images of Ilhéus city in Jorge Amado's novels

Abstract: This paper analyzes the images of the city of Ilheus in the novels of Jorge Amado: *Terras do Sem Fim*, *São Jorge dos Ilhéus* and *Gabriela Cravo e Canela*. It seeks to investigate the universe of Ilhéus presented by Jorge Amado, in an attempt to understand the sociology and enhance the local culture of the place, through the explanation of

¹Mestra em Cultura e Turismo pela Uesc/UFBA.

the epithets that the city received as a result of the literature made by Jorge Amado: *Jorge Amado's Land*, *Gabriela's Land* and *Cocoa Colonel's Land*. It has as presupposition the literature that influences and is influenced by history (SIMÕES, 1998) and is captured as an imagined reality of the lived and constituted in effect (ISER, 1996). The study concludes that, as an element that is influenced by history, the literature of Jorge Amado expressed the culture of Ilhéus that can be known and appreciated by reading the text.

Keywords: Local sociology. Female sensuality. Power relations and command.

Nessas terras de Ilhéus e Itabuna, [...] fui buscar homens de uma rude humanidade para traçar com eles a saga da conquista da terra, a grandeza e a miséria dos coronéis e do latifúndio, o nascimento de uma civilização na boca dos rifles, de uma cultura massada na violência. Conteí histórias de espantar, levantei o monumento de alguns homens que eram ao mesmo tempo fraternos e brutais, de normas estritas e impossível vilania, tratei das mulheres que mantiveram alta a chama do amor onde só a morte comandava.

Jorge Amado

A cidade de Ilhéus, no sul da Bahia, foi palco de inúmeras histórias que serviram de inspiração para a ficção de Jorge Amado, e por isso várias imagens desta cidade serviram de ambiência onde foi desenvolvido o enredo de alguns de seus romances. Isto demonstra a preocupação deste escritor baiano em “pintar” a sua aldeia e assim retratar a sociologia da região, como acontece nos livros *Cacau* (1933), *Terras do Sem Fim* (1942), *São Jorge dos Ilhéus* (1944) e *Gabriela, Cravo e Canela* (1958).

As imagens da cidade de Ilhéus constituem uma temática relevante por promover reflexões acerca da sociologia brasileira e das questões identitárias e culturais. O assunto já suscitou um estudo desenvolvido por Roberto da Matta (1991), que procurou estabelecer uma relação entre a obra de Jorge Amado e os problemas da sociedade brasileira. Segundo este antropólogo, a obra do escritor baiano revela uma carnavalização que pode ser entendida como uma fórmula para a compreensão da sociologia do Brasil. Rosana Patrício Ribeiro (1999), num ensaio sobre a representação da mulher na sociedade representada por Jorge Amado, aponta a personagem Gabriela como um símbolo de identidade nacional, abordando a valorização do poder de sedução da mestiça brasileira, aspecto focalizado através de um caso particular inserido na cidade de Ilhéus. Maria de Lourdes Netto Simões (2000) desenvolveu um estudo que procurou estabelecer as relações entre a literatura e a culinária. De acordo com a pesquisadora, tanto a literatura quanto a culinária são elementos culturais que remetem a uma reflexão sobre origens e costumes, aspectos fundamentais de um estudo sobre as questões identitárias.

Dessa forma, observa-se a existência de um manancial relevante de questões culturais e sociais esboçado nos estudos da obra de Jorge Amado. Nesse sentido, a análise dos romances deste escritor torna-se pertinente uma vez que revela elementos culturais que particularizam a região, corroborando para a compreensão de sua sociologia e para a valorização da cultura.

Para esse estudo foram analisados os livros *Terras do Sem Fim*, *São Jorge dos Ilhéus* e *Gabriela Cravo e Canela* por apresentarem imagens recheadas de referências culturais à região Sul da Bahia e, mais especificamente, à cidade de Ilhéus.

Além disso, imagens arquitetônicas e naturais desta cidade também estão imortalizadas através destes romances, o que tornou Ilhéus conhecida mundialmente como terra de Jorge Amado, terra da Gabriela e terra dos coronéis do cacau.

Tendo em conta essas considerações, intenta-se analisar o universo ilheense apresentado por Jorge Amado, na tentativa de compreender a sociologia local e valorizar a cultura do lugar. Em consequência disso, na primeira parte, analisam-se as imagens que transformaram Ilhéus na Terra de Jorge Amado. Na segunda parte, a figura da personagem Gabriela é estudada com vistas a se montar um perfil da mulher mestiça símbolo de mulher ilheense, baiana e brasileira. São analisadas as imagens que, por causa da criação desta personagem, tornaram a cidade conhecida como a Terra da Gabriela. Por fim, é posta em pauta a relação de poder e mando dos coronéis e a sua importância para o desenvolvimento da cidade que também é conhecida como a Terra dos Coronéis do Cacau.

O trabalho parte do pressuposto de que a literatura é influenciada pela história e a história influencia a literatura (SIMÕES, 1998), e tem como base os postulados teóricos de Iser (1996), os quais entendem a ficção como uma realidade vivencial repetida que é fruto do imaginário do autor, e não como um polo oposto à realidade.

Como elemento que é influenciado pela história, a literatura expressa a cultura e a sociologia de um povo, que passam a ser conhecidas pelo leitor através do texto. O conhecimento de uma cultura supõe compreender as representações dos valores, hábitos, crenças e visões de mundo de um povo e o conhecimento de uma sociologia supõe compreender a relação entre estes valores, hábitos, crenças e a sociedade em si.

Nesta perspectiva, utilizam-se alguns postulados das ciências sociais que são articulados com a teoria da literatura, de forma que constituam uma explicação dos romances como uma manifestação da cultura e da sociologia de um povo, sem ferir seu caráter de discurso literário.

A contribuição que este estudo se propõe a oferecer encontra-se na tentativa de analisar questões capazes de gerar reflexões sobre o caráter sociocultural da obra de Jorge Amado e com isso contribuir para a ampliação dos estudos sobre a obra deste escritor.

Ilhéus, Terra de Jorge Amado

O olhar percorre a rua como se fossem páginas escritas...

[...]

Deste modo a cidade repete uma vida idêntica deslocando-se para cima e para baixo em seu tabuleiro vazio. Os habitantes voltam a recitar as mesmas cenas com atores diferentes, contam as mesmas anedotas com diferentes combinações de palavras.

Ítalo Calvino

A Ilhéus descrita por Jorge Amado se faz presente nos romances *Terras do Sem Fim* (1942), *São Jorge dos Ilhéus* (1944) e *Gabriela, Cravo e Canela* (1958). Nessas obras, o autor descreve a cidade desde a época do desbravamento, conquista e luta pela posse das terras, assim como seu progresso e crescimento, apogeu e queda dos coronéis e, também, a vida política e econômica. Pode-se dizer que Jorge Amado faz mais do que uma descrição fotográfica, faz, sim, uma radiografia da cidade de Ilhéus e de seu entorno, fazendas e matas.

Em *Terras do sem Fim*, Jorge Amado narra a história dos ricos fazendeiros, os chamados coronéis do cacau. Na ficção, essa história se passou numa época em que falar em cacau significava falar em dinheiro e poder. Quem detinha o poder era aquele que possuía mais terras de cacau. Detinha o poder quem aumentasse suas fazendas com a conquista da Mata do Sequeiro Grande. Para tanto, os coronéis usavam de toda a sua força, riqueza e conhecimento, passavam por cima de tudo e de todos: “Essa mata vai ser minha nem que tenha de lavar a terra toda com sangue... Seu doutor se prepare, o barulho vai começar...” (AMADO, 1997, p. 112).

Pode-se afirmar que *Terras do Sem Fim* concentra, na figura dos coronéis, três fontes de exercício de poder: força, riqueza e conhecimento (TOFLER, 1995). A relação entre essas fontes concede aos poderosos do cacau o direito de punir, premiar, persuadir, mandar, roubar e matar. Naquela terra apresentada por Amado, a palavra do coronel era lei, era palavra imantada de poder.

Jorge Amado finaliza *Terras dos Sem Fim* com a chegada do progresso e com ele algumas transformações culturais e mudanças de hábitos. A construção da linha de trem, o término do colégio das freiras, a chegada do primeiro Bispo à cidade que foi promovida a diocese, o teatro, a vida noturna intensa para uma cidade do interior são provas de que a cidade estava crescendo e adquirindo grande importância. Por isso caxixes, tocaias, assassinatos, incêndio em cartório eram fatos que faziam parte de um outro tempo,

fatos que se deram em tempos em que a civilização não alcançara aquelas terras, quando Itabuna ainda era Tabocas. Fatos que eram apenas

recordações tristes e lamentáveis do tempo da grande luta (AMADO, 1997).

Em *São Jorge dos Ilhéus*, Jorge Amado retoma a história do cacau vinte e cinco anos depois da grande luta pela mata do Sequeiro Grande. Neste romance, a força e a ganância dos coronéis são substituídas pela esperteza e sutileza dos exportadores, que provocaram uma alta no preço do cacau, enchendo os olhos dos coronéis de euforia. Os produtores de cacau ficaram cegos de vaidade e se endividaram a ponto de perder suas terras.

É neste contexto que Jorge Amado descreve as ações do Partido Comunista na cidade, representado pelo personagem Joaquim. No romance, o Partido Comunista prevê o golpe dos exportadores, promove encontros às escondidas, e quando a situação se torna insustentável realiza um movimento em praça pública.

Assim, Jorge Amado retrata em *São Jorge dos Ilhéus* o golpe dos exportadores, o rápido progresso da cidade, a luta política dos comunistas, a queda dos coronéis, a grave crise social e econômica por que Ilhéus passou.

Em *Gabriela, Cravo e Canela*, Jorge Amado apresenta uma Ilhéus num momento de transição entre o novo e o velho, momento de transformações políticas e sociais em que o progresso e o conservadorismo se misturavam nas ruas da cidade. De um lado, um impetuoso progresso que fazia com que a cidade fosse comparada a uma capital em miniatura e que se refletia na maneira de pensar e agir de algumas pessoas. Tudo lembrava as grandes capitais: cinemas, palacetes, teatros, jardins, cabarés, clubes e

vitrines. De outro lado, havia pessoas que continuavam pensando e agindo como no tempo da conquista da terra. Por isso, circulavam pelas ruas tropas de burros conduzindo cacau, fazendeiros de revólver na cinta, jagunços. Era o velho que insistia em permanecer e que ainda não havia percebido que os tempos eram outros, portanto, as atitudes, linguagens e leis também deveriam ser outras.

É neste contexto que Jorge Amado faz a caracterização da sociedade ilheense da época, sociedade marcada pelo conservadorismo patriarcal e por valores tradicionais. É ainda neste contexto que imagens da cidade de Ilhéus saltam da realidade para as páginas do romance. Lugares como o Bar Vesúvio, a Matriz de São Jorge, a casa do coronel Ramiro Bastos, o edifício da Intendência, o Bataclan, o antigo porto passam a fazer parte do livro como cenário da trama. Bairros, ruas, praças também servem de ambiência onde fatos acontecem e transformam as atitudes do povo ilheense.

Nos três romances, Jorge Amado “pintou” as imagens de sua terra em momentos distintos, que vão desde a conquista das matas ao progresso que instaura a esperança de um novo tempo. Foram essas as imagens que o escritor grapiúna levou para os quatro cantos do mundo e que fizeram de Ilhéus a Terra de Jorge Amado.

Ilhéus, terra da Gabriela

*A moreninha me encanta
Me derrete, me maltrata
Me envenena, me enfeitiça
Me fere, me abraça e mata!*

Quadrinha popular

Na ficção de Jorge Amado, as personagens femininas são apresentadas a partir do papel que cada uma assumia na sociedade. Este assunto já suscitou um estudo desenvolvido por Rosana Patrício Ribeiro (1999), que procurou caracterizar as diversas posições da mulher no livro *Gabriela, Cravo e Canela*. A autora analisa o papel da mulher desde a figura da mãe de família, passando pelas solteironas, empregadas domésticas e prostitutas, até a figura daquelas mulheres que transgridem ao modelo da típica esposa e mãe. Por fim, a autora aponta Gabriela como uma mulher ideal e símbolo da identidade nacional.

Esta reflexão sobre a posição da mulher em *Gabriela, Cravo e Canela* revela uma sociedade marcada por valores tradicionais e patriarcais, valores esses que também marcam a sociedade ilheense retratada nos outros romances analisados neste trabalho. Portanto, a posição da mulher nos três romances estudados aqui, é de subordinação à vontade masculina.

Segundo Ribeiro (1999), até as prostitutas e as raparigas naquela sociedade assumem uma posição subordinada aos caprichos da vontade masculina. Sobre este assunto, a autora faz o seguinte comentário:

Seja como 'raparigas' ou prostitutas, essas mulheres encontram-se numa posição de passividade,

à mercê dos interesses masculinos, submetendo-se como simples instrumento de manutenção dos privilégios dos homens (RIBEIRO, 1999, p. 34).

Nesta sociedade de mulheres subjugadas há aquelas que não suportam a subserviência e rompem com os valores tradicionais. Assim, em *Terras do Sem Fim*, *São Jorge dos Ilhéus* e *Gabriela, Cravo e Canela*, Jorge Amado apresenta mulheres tão infelizes e insatisfeitas que rompem com “os valores que a tradição reconhece como tipicamente femininos” (SARLO, 1997, p. 188). Entretanto, os valores tradicionais da época eram tão fortes que talvez o autor tenha escolhido a morte ou a fuga da cidade para simbolizar a punição por ter transgredido a moral e a norma.

Desta forma, Jorge Amado traça o perfil de uma sociedade na qual os valores tradicionais são preservados e, por consequência, a posição da mulher não poderia ser outra a não ser a de subordinação às ordens masculinas. Aquelas que rompem com estes valores são punidas e os seus exemplos não devem ser seguidos. Nesta sociedade, mulher só tinha duas opções: seguir as normas, cumprir com suas obrigações e viver sem vontade própria ou romper com a tradição em busca da felicidade e ser punida por isso.

Sobre a busca da felicidade, Sarlo (1997, p. 239) afirma que

a felicidade estabelece relações com o proibido, enquanto os desenlaces tendem a reprimi-lo segundo um modelo de relação que harmonize a ordem individual e social.

É exatamente isso que acontece na trama amadiana. A mulher de família, para ser feliz, procura o caminho do proibido, do adultério. Entretanto, a harmonia dos desenlaces não aparece apenas com a repressão do proibido. No romance amadiano, a harmonia vem com a mais forte das punições, a morte.

Jorge Amado apresenta uma sociedade em que as mulheres não têm opção para a felicidade, vivem em função da felicidade ou bem-estar do homem. A este respeito, Sarlo explica:

A mulher vive sob o império dos sentimentos e é nesse império que se define seu modelo de felicidade. Os pais e os possíveis maridos dessas mulheres, ao contrário, raciocinam a partir de um ponto de vista cuja lógica reproduz a lógica social. Que caminho há para a mulher num mundo de legalidade masculina? Propõe-se a ela um modelo de felicidade: deve ser a felicidade dos homens. O perigo é que ela se transforme em sua desgraça, mas de qualquer maneira, o mais frequente é que os homens sejam as desgraças das mulheres (1997, p. 246).

Em meio a estas personagens convencionais, Jorge Amado apresenta Gabriela, na tentativa de desconstruir estas imagens tradicionais e redefini-las como imagem de mulher que não se apresenta como sombra do outro e que rompe com as convenções sociais para criar o seu espaço.

Com Gabriela, Jorge Amado rompe com a imagem dualista da mulher e apresenta uma mulher que reúne em si qualidades contraditórias que no modelo simbólico da sociedade ilheense seria impossível. Como afirma Stromzemberg (apud RIBEIRO, 1999, p. 84):

Gabriela reúne, de fato, de modo extremado, as duas categorias opostas de mulheres: as capacidades de dar prazer sexual e cozinhar para os homens. Cozinha e prazer, na sua plena expressão, são os próprios elementos constituídos do 'ser' Gabriela que não cabe em nenhuma categoria simbólica da ordem estabelecida (grifo do autor).

Além disso, Gabriela é autêntica e não se deixa subjugar pelas normas da sociedade. Gabriela não quer ser senhora da sociedade, nem quer calçar sapatos apertados e usar vestido de seda. Gabriela quer rir alto, quer ir ao circo e dançar na roda ou no terno de rei.

Esta personagem pode ser considerada uma das mais complexas mulheres criadas por Jorge Amado, como ilustra a explicação do personagem João Fulgêncio:

- Para que explicar? Nada desejo explicar. Explicar é limitar. É impossível limitar Gabriela, dissecar a sua alma.

- Corpo formoso, alma de passarinho. Será que tem alma? – Josué pensava em Glória.

- Alma de criança, talvez. – O capitão queria entender.

- De criança? Pode ser. De passarinho? Besteira, Josué. Gabriela é boa, generosa, impulsiva, pura. Dela podem-se enumerar qualidades e defeitos, explicá-la jamais. Faz o que ama, recusa-se ao que não lhe agrada. Não quero explicá-la. Para mim basta vê-la, saber que existe. [...]

- O amor não se prova, nem se mede. É como Gabriela. Existe, isso basta – falou João Fulgêncio – o fato de não se compreender ou explicar uma coisa não acaba com ela. Nada sei

sobre as estrelas, mas as vejo no céu, são a beleza da noite (AMADO, 1998, p. 319-322).

Talvez Gabriela seja a versão feminina do mito de Carlitos, o Vagabundo. Muitas são as semelhanças entre estes dois personagens. Tal qual Carlitos, Gabriela é um símbolo de liberdade e de preservação da individualidade ante uma sociedade que não tolera a transgressão das regras. Ambos têm origem e família desconhecidos. Os dois amam alegremente a vida e não se deixam subjugar pelo mundo.

Gabriela é mulata, sensual e possui habilidades culinárias, o que pode ser considerado como uma “mulher completa” e como símbolo de identidade brasileira, segundo algumas interpretações. Sobre isso, afirma Ribeiro (1999, p. 88):

O estereótipo da mulata exímia cozinheira é trabalhado, no romance, no polo da positividade, no sentido de legitimar seu lugar social como trabalhadora (cozinheira de bar) e, como sujeito de uma atividade que se procura valorizar como autenticamente brasileira (a cozinha regional), elegê-la como símbolo de identidade nacional.

A criação de Gabriela pode ser entendida como uma representação do ideal de mulher baiana e brasileira e legitima a valorização da mulata. Entretanto, muitas vezes esta imagem é utilizada como forma de apelo à sensualidade, demonstrando o poder de sedução que a mulher de cor exerce sobre o homem. Constatação ratificada quando Roger Bastide (1980) afirma que todo o folclore amoroso brasileiro é concentrado na valorização da sensualidade da “mulatinha clara”.

Jorge Amado “pintou” Gabriela na tentativa de seguir os padrões da mulher tipicamente brasileira, da mulher que é resultado da grande mistura étnica por que passou o Brasil. É esse tipo de mulher sensual, autêntica, alegre, e de origem popular que as pessoas acreditam encontrar em Ilhéus.

É devido à construção desta personagem que Ilhéus ficou conhecida como a Terra da Gabriela.

Ilhéus, terra dos coronéis do cacau

Há muitos e muitos anos, a riqueza era elementar. Ou você a tinha, ou não. Ela era sólida. Era material. E podia-se compreender com facilidade que riqueza dava poder, e o poder, riqueza. Era simples, porque os dois baseavam-se na terra.

Alvin Toffler

As histórias contadas por Jorge Amado em *Terras do Sem Fim*, *São Jorge dos Ilhéus* e *Gabriela, Cravo e Canela* oferecem ao leitor um perfil dos coronéis do cacau, homens que detinham poder e riqueza no sul da Bahia, numa época em que imperava um sistema feudal ditado por eles. Nos três romances, Amado narra tanto o apogeu destes coronéis, enfatizando o poder de mando, o poder político e a maneira como exploravam a terra, quanto a decadência destes homens que lavaram a terra com sangue em busca do poder e da riqueza.

O poder de mando é baseado numa relação entre opressores e oprimidos que existia entre coronéis e trabalhadores rurais. Tal relação pode ser explicada com base na relação que Da Matta (1991) faz entre “casa” e “rua”. Segundo o antropólogo, a sociedade é dividida

em três categorias sociológicas: “casa”, “rua” e “outro mundo”. Nesse sentido, “casa” seria o espaço que pode abrigar a todos, pois se trata de uma área especial na qual todos são iguais; a “rua” seria um espaço fundado em mecanismos impessoais, na luta de classes e onde a lei seria o ponto dominante; “o outro mundo” seria o espaço neutro, no qual há a renúncia ao sofrimento, às contradições, lutas e injustiças. Nesse entendimento, o discurso da “casa” seria o discurso do dominado; o discurso da “rua”, o do dominante; o discurso do “outro mundo” seria o discurso do sacerdote. Assim, cabe à “casa” obedecer, à “rua”, mandar e ao “outro mundo” indicar que há esperanças para se viver em um mundo diferente no qual todos são iguais.

Nessa perspectiva, associando essas ideias à relação de poder e mando existente nos romances aqui estudados, pode-se dizer que os trabalhadores correspondem à “casa”, portanto à obediência, aos deveres e ao cumprimento da lei, já os coronéis correspondem à “rua”, consequentemente ao mandar, aos direitos e ao ditar das leis.

Da Matta (1991) tenta caracterizar o sistema de relações sociais que há no Brasil. Um sistema em que a comunidade é heterogênea, desigual e hierarquizada. Um sistema em que as leis são seguidas de acordo com as relações de prestígio e de poder que cada um tem. Jorge Amado representa este modelo de sociedade a partir da relação de poder e mando que há em Ilhéus na década de 1920.

O poder pode ser compreendido como a capacidade de agir e produzir efeitos desejados sobre indivíduos. Para que se tenha poder é necessário que exista alguém para exercê-lo e alguém sobre o qual o poder é exercido. Nesta relação, o poder pode ser manifestado, segundo Tofler

(1995), através da força, riqueza e conhecimento, os três elementos que alavancam o poder. Na trama amadiana, essa tríade pode ser convertida em tocaia, cacau e esperteza.

Nos romances, os poderosos do cacau são homens cuja ambição pelo poder e pela posse das terras extrapolam os limites da lei. Suas ordens ou desejos são realizados a qualquer custo, inclusive violência ou morte. Temos aí a manifestação do poder dos coronéis por meio da força. Sobre esta forma de mandar e coagir, Maquiavel (1992) afirma que a origem do poder se encontra na força e que é preciso amedrontar, intimidar, constranger os vencidos para que eles silenciem, pois podem se organizar e tornar bem mais violentos. Para Maquiavel, aqueles sobre o qual o poder é exercido devem ser liquidados através da força. É assim que os coronéis agem:

De noite Horácio chegou com seus cabras na roça dos três amigos. Cercou o rancho, dizem que ele mesmo liquidou os homens. E que depois, com sua faca de descascar frutas, cortou a língua de Orlando, suas orelhas, seu nariz, arrancou-lhe as calças e o capou (AMADO, 1997, p. 53-54).

Segundo Cyro de Matos (2004), esse comportamento violento, o uso da força dos coronéis se justifica por ser a maneira de se conseguir respeito, tendo uma razão muito forte: a luta por terra, prestígio e poder.

Nos três romances, o cacau representa a mais importante de todas as formas de se obter riqueza.

Cacau era dinheiro, era poder, era a vida toda, estava dentro deles, não apenas plantado sobre a terra negra e poderosa de seiva. Nascia

dentro de cada um, lançava sobre cada coração uma sombra má, apagava os sentimentos bons (AMADO, 1997, p.251).

A posse de vastas fazendas de cacau dá aos coronéis grandes poderes e oportunidades de recompensar ou punir os outros. Eis aqui o segundo instrumento de manifestação de poder: a riqueza.

O cacau foi um fator para ativar o desejo de poder, pois era considerado o fruto de ouro e durante muito tempo a região ficou conhecida como uma terra de muita riqueza. E os coronéis, os donos da terra, eram também os detentores do poder político e econômico da região. Cacau era sinônimo de riqueza e, conseqüentemente, de poder.

O conhecimento é considerado por Alvin Toffler um instrumento de poder da mais alta qualidade. Segundo ele,

O poder da mais alta qualidade, no entanto, vem da aplicação do conhecimento. O poder da mais alta qualidade não é apenas a influência. Não é apenas a capacidade de se conseguir o que se quer, de fazer com que outros façam o que você quer, embora prefiram fazer o contrário. Alta qualidade significa mais. Ela implica eficiência – usar o menor número de fontes de poder para atingir um objetivo (TOFFLER, 1995, p. 40).

Os coronéis apresentados na trama amadiana não tinham conhecimento “de caderno”, não eram “doutores”, mas eram dotados de muita malícia e espreiteza para conseguir o que desejavam. Assim, em meio às lutas e tocaias, surge uma nova estratégia

para que estes consigam atingir seus objetivos: o caxixe, meio usado com muita esperteza para parecer lícita a tomada das terras. Para exercer essa forma de poder, os coronéis tinham a ajuda dos advogados que planejavam tudo. Obtinha as terras quem usasse da malícia e esperteza de uma só vez para convencer o verdadeiro dono da terra a aceitar que tomassem suas terras mesmo contra a vontade. Em *Terras do Sem Fim* é citado um grande caxixe:

- Dizem que Juca Badaró mandou chamar um agrônomo para medir a mata do Sequeiro Grande e tirar um título de propriedade...

Doutor Virgílio riu, satisfeito de si mesmo:

- Pra que é que eu sou advogado, doutor? A mata já está registrada, com medição e tudo, no cartório de Venâncio como propriedade do coronel Horácio, de Braz, de Maneca Dantas, e... – levantou a voz – do Dr Jessé Freitas... O senhor tem que ir lá amanhã assinar.

Explicou o caxixe, a cara do médico se abriu num sorriso:

- Parabéns, doutor... Essa é de mestre (AMADO, 1997, p. 170).

Jorge Amado, nestes três romances, conta a história de homens poderosos, considerados os heróis do cacau. Homens que deixaram a imagem de todo o seu poder e riqueza registrada na imponência dos palacetes espalhados pelo centro histórico da cidade de Ilhéus. Por isso, a cidade é também identificada como a Terra dos Coronéis do Cacau.

Considerações finais

Os epítetos que a cidade de Ilhéus recebeu em decorrência das descrições amadianas demonstram a contribuição da literatura para a compreensão da sociologia local. Esta análise ainda suscitou uma reflexão sobre as manifestações de poder que ainda hoje se encontram camufladas na sociedade, em decorrência do poder exercido pelos coronéis.

Verificou-se, também, que o epíteto terra da Gabriela já foi muito mais usado no momento em que se queria apelar para a sensualidade como forma de promover a cidade, o que talvez tenha provocado uma imagem negativa da mulher ilheense, baiana e brasileira, concorrendo para aumentar, segundo algumas interpretações, o índice de prostituição. Talvez a intenção fosse apenas fazer referência a uma das mais famosas personagens de Jorge Amado, famosa pela sua beleza, sensualidade e pelos petiscos que fazia. Certos epítetos, porém, têm poder de sugestão suficiente para identificar a cidade, chamando a atenção para um único traço. Neste caso, a sensualidade.

Acredita-se que, com maior estudo e conhecimento da obra amadiana, é possível que outras imagens da cidade de Ilhéus sejam divulgadas com a mesma intensidade que possui a imagem da Gabriela e dos coronéis, podendo ser criados novos epítetos. Isto implica o exame de outras imagens também construídas por Jorge Amado, como a da Mata do Sequeiro Grande e das manifestações populares que permeiam a trama do escritor.

Referências

AMADO, Jorge. **Terras do sem fim**. 62. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. **Gabriela, cravo e canela**. 79. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. **São Jorge dos Ilhéus**. 52. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BASTIDE, Roger. **Brasil, terras de contrastes**. São Paulo: Difel, 1980.

DA MATTA, Roberto. **A casa & a rua**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koongan, 1991.

ISER, Wolfgang. O imaginário. In: _____. **O fictício e o imaginário** – Perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996. p. 209-302.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. São Paulo: Moraes, 1992.

MATTOS, Cyro de. Informação de Sosígenes Costa. In: FONSECA, Aleilton; MATTOS, Cyro (org.). **O triunfo de Sosígenes Costa**: estudos, depoimentos e antologia. Ilhéus: Editus, [Feira de Santana]: UEFS, 2004.

RIBEIRO, Rosana Patrício. **A imagem da mulher em Gabriela, cravo e canela, de Jorge Amado**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1999.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias** – Intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: Edusp, 1997.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Identidade cultural e turismo local – Da Gabriela de Jorge Amado, ao cravo e à canela de Paloma Amado Costa. In: CONGRESSO ABRALIC, 7., 2000, Salvador. **Anais...** Salvador: [s.n.], 2000.

_____. **As razões do imaginário**. Salvador: FCJA ; Ilhéus: Editus, 1998.

TOFFLER, Alvin. **Powershift**: as mudanças do poder. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

